

Relatório de Estágio no Estúdio de Fotografia de Arquitetura Francisco Nogueira

Duarte Lopo de Carvalho de Orey Gaivão

Relatório de Estágio de Mestrado em Novos Media e Práticas Web

Setembro, 2023

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Novos Media e Práticas Web, realizado sob a orientação científica de Paulo Nuno Vicente.

Relatório de Estágio no Estúdio de Fotografia de Arquitetura Francisco Nogueira

Duarte Gaivão

Resumo

O presente relatório tem como objetivo uma análise da prática de fotografia de arquitetura, e, conseqüentemente, da forma como esta pode impactar não só o próprio design arquitetônico, como a forma como nos relacionamos com a arquitetura enquanto obra, mas também como este tipo de fotografia consegue existir como obra de arte isolada.

Esta análise é feita através de uma breve interpretação da literatura existente sobre o tópico, e elaboração de uma reflexão pessoal, tendo como base a minha experiência de estágio de 3 meses no estúdio de fotografia de arquitetura Francisco Nogueira. Por último, é feita uma comparação e análise das práticas da concorrência direta do mercado, suportada também pela literatura, assim fornecendo suporte adicional às teorias propostas.

Com este relatório proponho também algumas sugestões de melhoria, baseadas na minha experiência no estúdio, e que, a meu ver, poderiam contribuir ativamente para um desempenho mais eficiente e lucrativo do mesmo, assim como para o seu crescimento enquanto negócio.

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 1 |
| 1. Reflexão teórica com base na literatura..... | 3 |
| 1.1. Fotografia como registo documental..... | 3 |
| 1.2. A visão subjetiva do fotógrafo..... | 5 |
| 1.3. A natureza atmosférica da imagem..... | 7 |
| 1.4. A influencia da fotografia na arquitetura..... | 9 |
| 1.5. Fotografia de arquitetura como obra de arte..... | 11 |
| 2. Instituição de estágio – Estúdio de fotografia de arquitetura Francisco Nogueira..... | 12 |
| 2.1. Área de atividade..... | 12 |
| 2.2. Publicações e distinções..... | 13 |
| 2.3. Equipa..... | 14 |
| 3. Experiência de estágio..... | 15 |
| 3.1. Modo de operação – Cargo e funções desempenhadas..... | 15 |
| 3.2. Técnicas e ferramentas utilizadas..... | 17 |
| 3.3. Competências e aptidões desenvolvidas..... | 22 |
| 3.4. Desafios e obstáculos enfrentados..... | 23 |
| 4. Análise da concorrência..... | 25 |
| 4.1. Obras mais publicadas..... | 31 |
| 4.2. Satisfação do consumidor..... | 33 |
| 5. Sugestões de melhoria..... | 36 |
| Conclusão..... | 38 |
| Referências bibliográficas..... | 40 |
| Lista de figuras..... | 43 |
| Anexo I..... | 44 |
| Anexo II..... | 45 |
| Anexo III..... | 46 |
| Anexo IV..... | 47 |

Introdução

No âmbito do mestrado em Novos Media e Práticas Web, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, escolhi a vertente de estágio curricular com relatório de estágio para a componente não-letiva do mestrado, que ocupa o terceiro e último semestre do curso. Neste sentido, ao longo da minha procura por uma entidade acolhedora, tentei aliar alguns dos meus interesses pessoais, que não tive a oportunidade de explorar academicamente, com as áreas da minha formação académica até ao momento. Assim, encontrei estágio no estúdio de fotografia de arquitetura Francisco Nogueira, onde desempenhei as funções de *Studio Manager*.

Este estágio vem precisamente juntar a minha já muito antiga paixão pela arquitetura com os meus conhecimentos técnicos e académicos adquiridos ao longo da minha licenciatura em Cinema, Vídeo e Comunicação Multimédia, pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, assim como, e principalmente, com os conhecimentos obtidos e desenvolvidos no decorrer dos semestres letivos do corrente mestrado. Pude explorar e conhecer de perto o mundo artístico da alta arquitetura do ponto de vista de quem a fotografa, e com isso consegui recolher um melhor entendimento de como este ramo da fotografia impacta a perceção do público que a consome. Pude entender de que forma as escolhas cuidadas do fotógrafo influenciam uma visão específica do espaço, e como isso se traduz na satisfação do cliente e do público.

O estágio teve a duração de aproximadamente 3 meses, com início a 1 de Março de 2023 e término a 31 de Maio de 2023, perfazendo assim um total de aproximadamente 500 horas de estágio, divididas em 40 horas semanas, com dias de 8 horas de trabalho.

O presente relatório é constituído por uma primeira introdução ao tema do cruzamento entre a fotografia e a arquitetura, sendo suportado por literatura existente. Nesta parte faço uso da literatura para elaborar uma reflexão pessoal sobre o que entendo ser a relação artística entre estas duas práticas, partindo do entendimento simples da fotografia de arquitetura como simples método de registo e chegando a vertentes mais profundas de dependência e suporte artístico mútuo.

Na segunda parte do documento faço uma apresentação da entidade acolhedora do meu estágio curricular, detalhando os seus modos de operação e descrevendo a composição e função de cada membro que compõe a pequena equipa.

Numa terceira parte, faço uma descrição detalhada da minha experiência de estágio, nomeadamente nos cargos e funções que desempenhei, técnicas e ferramentas que utilizei, conhecimentos obtidos, competências que desenvolvi e obstáculos que enfrentei.

Por último, faço uma análise e comparação da concorrência direta do estúdio, ao nível da abordagem estética e também dos seus resultados quantificáveis através de redes sociais. Face a esta análise, deixo também as minhas sugestões e propostas de como, a meu ver, o estúdio poderia progredir, tendo em conta a minha experiência

É minha intenção com este relatório reunir um entendimento e reflexão geral sobre a minha experiência nesta área muito específica e que tanto me fascina. Estou certo de que um pequeno estágio curricular apenas me aproxima muito vagamente da compreensão total deste ramo da fotografia. Contudo, espero com este documento reunir em formato escrito alguma dessa compreensão, de modo a que no futuro da minha carreira profissional o possa visitar e recolher alguma inspiração e conhecimento para, talvez um dia, aplicar ao meu próprio estúdio de fotografia de arquitetura.

1. Reflexão teórica com base na literatura

1.1. Fotografia como registo documental

A arquitetura e a fotografia têm uma relação já muito longa, desde os primórdios da imagem fotográfica, que tem vindo a ser estudada ao longo dos tempos. Uma análise cuidada desta literatura permite-nos refletir sobre esta mesma relação e sobre a forma como cada uma destas práticas é impactada, fornecendo algumas perspetivas enriquecedoras no campo teórico desta temática.

Rosslee (1992) afirma que “a fotografia de arquitetura é um método crucial para registar e preservar a forma física e a essência dos edifícios”, introduzindo assim a ideia de que estas obras dependem diretamente de um suporte visual artístico para a sua sobrevivência eterna.

Uma das funções mais práticas deste tipo de imagem é precisamente este registo histórico das obras de arquitetura, que muitas vezes acabam estas mesmas por não sobreviver ao passar do tempo, sendo modificadas, degradadas ou até demolidas. Existe, portanto, um papel extremamente relevante na documentação e interpretação da história da arquitetura. Segundo Borden (2007), “a fotografia histórica é uma fonte inestimável para os historiadores da arquitetura”. O autor indica também a importância deste registo para a análise e comparação das obras de arquitetura, assim como dos detalhes do seu design.

Tahalea, Novianti e Damarjati (2022) vieram ainda cimentar esta noção documental da fotografia de arquitetura, associando a obra de arquitetura ao seu contexto urbano. Muitas vezes a arquitetura sobrevive ao passar do tempo, contudo o seu ambiente circundante muda substancialmente. O registo fotográfico serve aqui como forma de melhor entender as intenções do arquiteto na época em que a obra foi desenhada e construída, e como suporte de análise para como estas intenções se expressam no seu novo ambiente contemporâneo.

A fotografia de arquitetura é, por isso, uma ferramenta atualmente muito utilizada por atelieres de arquitetura a nível mundial. Segundo Rosa (1998), “a fotografia de arquitetura foi, desde cedo, reconhecida como um meio eficaz de documentar edifícios e projetos arquitetónicos”. É seguro dizer-se, portanto, que este ramo da fotografia é utilizado muitas vezes, talvez maioritariamente, como suporte de registo das obras para

efeitos de portefólio. São estes portefólios, sejam eles dos fotógrafos ou dos arquitetos, que servirão de material de análise, comparação e inspiração, mas acima de tudo de registo histórico que transcenderá o tempo de vida do edifício.

1.2. A visão subjetiva do fotógrafo

O trabalho de Ayşen (2009) vem convidar a uma reflexão sobre a capacidade da fotografia de arquitetura de capturar a obra arquitetônica de forma imparcial, respeitando a verdadeira visão original do arquiteto, levantando-se assim a questão sobre a objetividade deste tipo de imagem. O autor sublinha que “a fotografia pode influenciar a forma como interpretamos um edifício, destacando determinados detalhes e perspectivas” (Ayşen, 2009). Este trabalho força-nos a considerar a fotografia de arquitetura como algo que possui uma natureza também subjetiva, embora esta possa não nos ser óbvia a uma primeira interpretação.

A meu ver, esta natureza subjetiva expressa um significado mais profundo - a mostra para a visão do fotógrafo. Borden (2007) sublinha que o fotógrafo “desempenha um papel central na produção de imagens que comunicam a experiência espacial de um edifício”. A arquitetura tem uma relação inegável à imagem, na medida em que as suas nuances, detalhes e peripécias podem, e devem, ser percebidas de forma diferente, tal como qualquer forma de arte, consoante o entendimento e visão específica de cada um espectador. A fotografia de arquitetura entra aqui na medida em que vem, de certa forma, salientar determinada visão ou abordagem, neste caso a do fotógrafo, muitas vezes em colaboração com o arquiteto do projeto, de modo a proporcionar um entendimento muito particular do espaço em questão. Desta forma, algum detalhe ou especificidade da obra, que poderia de outra forma não ser absorvida do modo entendido, fica agora salientado e revelado aos olhos de quem observa as imagens. Com isto, é atribuída a devida relevância aos fatores que o fotógrafo, e potencialmente também o arquiteto, consideram importantes na obra, que para muitos podem passar despercebidos a uma primeira análise. “A fotografia é um meio de comunicação subjetivo, no qual as escolhas do fotógrafo influenciam a maneira como vemos e entendemos a arquitetura” (Borden, 2007).

Shafie, Halili e Ayob (2018) afirmam que “a fotografia de arte permite uma representação mais subjetiva e emocional da arquitetura, enfatizando a estética e a experiência sensorial”. Isto vem sublinhar os conceitos explorados por Borden (2007), indicando como a visão subjetiva do fotógrafo pode impactar a interpretação de um edifício, atribuindo ou revelando-lhe novas perspectivas e significados.

De um ponto de vista técnico, a escolha da composição, o enquadramento, a incidência da luz e até, hoje em dia, o próprio tratamento da imagem, são ferramentas às quais o fotógrafo pode recorrer para revelar e influenciar a percepção da obra arquitetônica, assim explorando a sua estética e atmosfera. “As escolhas do fotógrafo - ângulos, iluminação, composição - têm o poder de influenciar significativamente a nossa compreensão da arquitetura retratada” (Borden, 2007).

Mattens (2011) faz destaque à colaboração entre o fotógrafo e o arquiteto na produção deste tipo de imagem, atribuindo esta visão subjetiva não só a quem carrega no botão do obturador, mas a quem desenhou a obra de arquitetura. Muitas vezes, este tipo de imagem é produzido com contributo direto e constante do arquiteto, no momento da captura e/ou em *briefings* prévios. Assim, esta visão subjetiva pode surgir de uma parceria enriquecedora, ao invés de um entendimento exclusivamente particular ao fotógrafo.

1.3. A natureza atmosférica da imagem

Rosslee (1992) começou por refletir sobre a forma como a fotografia pode explorar não só o formato físico da obra arquitetónica, mas também a sua natureza atmosférica e sensorial, sublinhando que “a fotografia de arquitetura tem o potencial de revelar não apenas a forma física, mas também a atmosfera e a experiência espacial de uma estrutura” (Rosslee, 1992). Numa linha de pensamento semelhante, Mattens (2011) salienta que “a fotografia arquitetónica pode revelar uma dimensão poética da arquitetura, captando a atmosfera e o caráter de um espaço”. É por isso fácil de concluir o papel fulcral do fotógrafo nesta, mais profunda, vertente da fotografia de arquitetura, fazendo recurso às técnicas e ferramentas anteriormente mencionadas.

Shafie, Halili e Ayob (2018) vieram mais tarde cimentar esta posição, dizendo que “a fotografia de arte tem o potencial de transmitir não apenas a forma física, mas também a atmosfera e a aura de um espaço”. Com isto, os autores apontam uma vez mais para o papel do fotógrafo na captação e revelação destas naturezas, que são intrínsecas à obra de arquitetura, mas muitas vezes não visíveis ao olho humano. Cabe ao fotógrafo, se este assim o entender, o papel de tornar visíveis estas nuances ou detalhes.

Rattenbury (2002) fala sobre o mesmo tópico, indicando o poder da fotografia nos elevar a estados sensoriais diferentes, com isso permitindo uma interpretação mais profunda e muito particular da arquitetura. O autor argumenta que “a fotografia pode criar uma conexão visceral com um edifício, permitindo-nos sentir a sua presença e impacto emocional” (Rattenbury, 2002). Com isto, podemos refletir sobre como a fotografia pode ter a capacidade de desenvolver conexões emocionais entre o seu consumidor e a obra de arquitetura. Também Borden (2007) abordou brevemente este tema, sugerindo o potencial da fotografia de invocar emoções e, acima de tudo, memórias associadas ao espaço retratado.

Tahalea, Novianti e Damarjati (2022) vieram propor um entendimento ainda mais profundo da obra de arquitetura, proveniente desta forma de fotografia, associado ao seu contexto urbano circundante, através da teoria da paisagem urbana. Os autores exploram as dinâmicas complexas nas relações entre o edifício e o seu ambiente local, precisamente através da fotografia de arquitetura. Demonstram como estas interações entre o contexto circundante e o próprio edifício são utilizadas também na fotografia para, uma vez mais,

proporcionar um conhecimento mais extenso, subjetivo e atmosférico da obra arquitetônica. Há uma inevitável simbiose entre a estrutura física e o seu ambiente contextual. É por isso importante ter-se em consideração não só a obra, mas o seu contexto circundante, e a forma como isso pode moldar a percepção do espectador, através da fotografia.

É por isso muito importante considerar a fotografia de arquitetura como um elemento visual que vai além da pura representação documental, carregando muitas vezes conotações e interpretações que provêm do fotógrafo, da sua visão, e da sua capacidade de revelar as múltiplas naturezas mais profundas do espaço.

1.4. A influencia da fotografia na arquitetura

Rattenbury (2002) veio argumentar que “através das lentes da câmara, os arquitetos podem explorar diferentes perspetivas e compreender melhor a forma como os seus projetos serão interpretados pelo público”. Isto vem iniciar o debate sobre como a fotografia pode influenciar e moldar a arquitetura contemporânea.

Também Borden (2007) introduziu a ideia de que “através da fotografia, os arquitetos podem entender melhor as relações entre os edifícios e o contexto em que estão inseridos”. Semelhantemente à teoria proposta por Tahalea, Novianti e Damarjati (2022), Borden faz notar como a interpretação da relação dos edifícios com o seu ambiente exterior pode servir de matéria de análise essencial ao arquiteto, contribuindo assim para diferentes expressões desta relação em obras futuras. Há aqui um potencial impacto direto da fotografia no trabalho do arquiteto.

Alarcón e Méndez (2021) afirmam que “a fotografia desempenha um papel crucial na definição da imagem pública da arquitetura”. Isto é, a imagem fotográfica da arquitetura, com todas as suas vertentes e formas subjetivas de se expressar, anteriormente detalhadas neste relatório, tem o impacto de moldar também a perceção e interpretação da própria arquitetura, além de ser uma fonte de inspiração e análise para os arquitetos. Os autores fazem esta associação através da análise da fotografia de arquitetura do século XX, e em como as suas práticas conseguiram influenciar a sua representação durante o período em questão, sublinhando o facto de que esta prática não tem uma função meramente documental, e indicando que “essas convenções fotográficas moldaram a nossa compreensão e apreciação da arquitetura moderna”.

Pedro Leão Neto (2020) faz uma análise do livro de Valerio Olgiati e Bas Princen em que contribui para esta teoria, refletindo sobre como a fotografia pode ser um meio de comunicação da verdadeira natureza e essência do design da arquitetura. Com este trabalho, podemos entender a fotografia como algo que transcende a sua função documental, tornando-se reveladora de uma qualidade artística maior, partindo da abordagem específica do fotógrafo, que poderá influenciar e inspirar tendências no campo da arquitetura.

Neto (2022) contribuiu também para esta temática ao introduzir a ideia de como a fotografia pode ser uma ferramenta essencial para examinar e interpretar as mudanças

nas tendências e práticas arquitetônicas ao longo dos tempos. Esta análise e comparação visual das diferentes obras de arquitetura, e em particular das suas diferenças, torna-se incalculável na interpretação da arquitetura, a nível histórico e contemporâneo, para todo o ramo da arquitetura, proporcionando um entendimento profundo sobre o seu progresso e mudança a nível temporal.

Pode eventualmente elaborar-se esta linha de pensamento, ao ponto de afirmar que as tendências na fotografia de arquitetura, e a sua respetiva análise, acabam por moldar e encaminhar o rumo da arquitetura contemporânea em si.

1.5. Fotografia de arquitetura como obra de arte

Rattenbury (2002) veio levantar questões sobre o conceito base de arquitetura, sugerindo que esta prática não está limitada às suas obras em formato físico, mas expressando-se também em função e através da sua representação visual, entenda-se neste caso a fotografia de arquitetura. Por outro lado, Pelizzari e Scrivano (2011) dizem que “a colaboração entre arquitetos e fotógrafos pode resultar em imagens que transcendem a mera documentação, tornando-se obras de arte em si”.

Também Mattens (2011) vem observar que “a fotografia de arquitetura não é apenas um meio de documentar estruturas, mas sim uma forma de expressão artística que pode provocar uma ampla gama de emoções e reflexões”. Em suporte desta teoria, Shafie, Halili e Ayob (2018) fazem uma análise da Mesquita Ubudiah, em Kuala Kangsar, do ponto de vista da fotografia de arquitetura, em que indicam que a abordagem tomada vem desenvolver e enfatizar uma experiência mais emocional da arquitetura, assim também propondo a ideia da fotografia de arquitetura como obra de arte isolada. Os autores afirmam que “através da fotografia de arte, os elementos estéticos e emocionais da arquitetura podem ser enfatizados e interpretados de maneira única, criando uma experiência sensorial para o espectador” (Shafie et al., 2018).

As fotografias de arquitetura são, portanto, não só um meio de documentar, mas também de interpretar a arte da arquitetura em si, sendo que esta serve como um palco ou *playground* estético sobre o qual os fotógrafos trabalham. Ao explorar ângulos, luzes e sombras, o fotógrafo transforma e molda a percepção da obra, criando assim uma narrativa visual distinta, e única. Pode por isto dizer-se que a relação entre a arquitetura e a sua representação fotográfica funciona num regime de quase simbiose, sobrevivendo num nicho de codependência, sendo a fotografia alimentada pela obra, as suas nuances e o seu contexto circundante, e a arquitetura dependente da imagem fotográfica não só para registo documental, mas para revelar os seus ambientes, utilidades e atmosferas mais profundas, e não visíveis ao olho humano.

Por último, concluímos também que a fotografia de arquitetura consegue transcender a obra fotografada, e com isso adquirir o seu próprio *status* de obra de arte isolada e independente.

2. Instituição de estágio – Estúdio de fotografia de arquitetura Francisco Nogueira

2.1. Área de atividade

O estúdio de fotografia de arquitetura Francisco Nogueira foi fundado pelo fotógrafo e sócio-gerente Francisco Nogueira há mais de 10 anos. Neste momento, o foco profissional do estúdio reside na produção de fotografias de obras de arquitetura e interiores, sejam estas casas particulares, restaurantes, hotéis, escritórios, entre outras aplicações da arte arquitetónica.

O seu portefólio de clientes inclui maioritariamente ateliers de arquitetura, mas também engloba hotéis, estúdios de design de interiores e até muitas vezes os próprios proprietários dos imóveis/obras.

Paralelamente, é também desenvolvido algum trabalho fotográfico de produto. Isto é, registo de fotografias de produtos de determinada marca para os seus catálogos e meios de comunicação. Por norma, este tipo de trabalhos mostra-se sempre associado ao mundo da arquitetura ou design de interiores, uma vez que as marcas que o requisitam tendem a ser marcas presentes no mundo do design e da arquitetura. Como exemplo, posso referir a Élitis, uma marca francesa de têxteis de alta qualidade e muito exclusiva, que já mais do que uma vez trabalhou neste sentido com o estúdio do Francisco. Esta procura prende-se não só com a sua visão singular, mas com o seu vasto conhecimento e acesso a espaços arquitetónicos muito interessantes em Portugal, justificando assim que uma produção deste género seja feita fora do país original da marca.

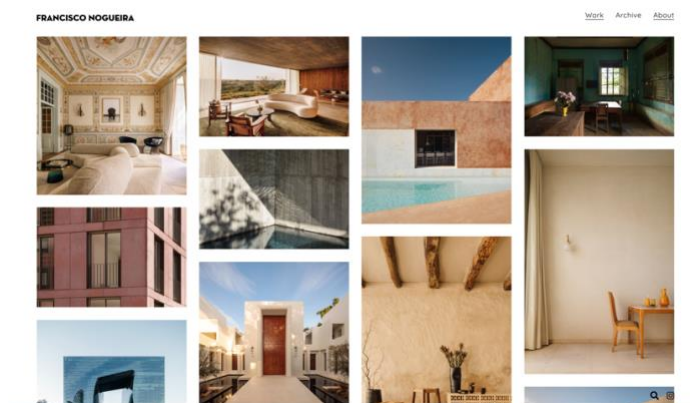


Figura 1. *Website* do estúdio de fotografia de arquitetura Francisco Nogueira

2.2. Publicações e distinções

Os mais de 10 anos de experiência do estúdio, aliados à visão única e muito cuidada do Francisco, o principal fotógrafo do estúdio, permitiram acumular já algumas distinções no mundo da arquitetura e design de interiores, assim como algumas exposições de sucesso e livros publicados.

Entre as suas inúmeras publicações em revistas da área, são de destacar a Wallpaper*, T Magazine, Elle Decor US, DOMUS, Surface, The New York Times e Architectural Digest.

Em 2013 foi publicado o livro “As Roças de São Tomé e Príncipe”, que foi escrito pelos arquitetos Duarte Pape e Rodrigo Rebelo de Andrade, tendo sido publicado pela Tinta-da-China, e que inclui a reportagem fotográfica levada a cabo pelo Francisco, num registo um pouco diferente do seu trabalho comercial habitual. Pelos mesmos autores e editora, em 2016 foi publicado o livro “Bijagós: Património Arquitectónico”, onde a obra do Francisco é também o foco central.

Em 2018 ocorreu a exposição intitulada “Man Made”, na Artroom, em Lisboa, onde foram expostos somente trabalhos do Francisco. Nesta exposição foram apresentadas algumas imagens dos livros acima referidos, mas também de um conjunto de outro trabalho fotográfico pessoal, que no seu total representa um interesse paralelo, e não-comercial, pela arquitetura do devoluto ou degradado, onde a natureza começa a retomar o espaço humano.



Figura 2. Exposição “Man Made” em Lisboa, Junho 2018. Fotografia de Francisco Nogueira

2.3. Equipa

Atualmente, a equipa do estúdio é composta por três cargos permanentes. Em primeiro lugar temos o Francisco Nogueira, que é o fundador, sócio-gerente e principal fotógrafo do estúdio. É ele que produz as imagens para 90% das sessões adjudicadas. É também o Francisco que se encarga da gestão logística e operacional do estúdio, tendo sido também ele o meu supervisor durante o período de estágio. O Francisco é arquiteto de formação e fundou o estúdio há mais de 10 anos, assim que terminou os seus estudos em arquitetura, sendo hoje um dos fotógrafos de arquitetura, com atividade em Portugal, de maior sucesso.

Lourenço Teixeira de Abreu, começou a trabalhar no estúdio inicialmente como assistente de pós-produção, há cerca de 4 anos. Contudo, hoje desempenha as funções de fotógrafo secundário, ficando encarregue de produzir as imagens para algumas sessões para clientes de menor prioridade para o estúdio. Em fases de maior trabalho, o Lourenço presta também algum apoio na pós-produção das imagens. O Lourenço tem atualmente, graças à sua experiência com o estúdio Francisco Nogueira, uma carreira a solo muito bem desenvolvida como fotógrafo de arquitetura, e por isso pratica um horário flexível devido aos seus compromissos profissionais não associados ao estúdio.

Miguel Marquês é assistente de pós-produção, encarregue de toda a manipulação digital e catalogação das imagens captadas. O Miguel veio substituir uma anterior funcionária, que abandonou a posição precisamente na mesma altura em que eu me juntei à equipa do estúdio, tendo por isso iniciado as suas funções em simultâneo com o meu período de estágio, o que permitiu ter alguém com quem partilhar o período de formação e desenvolver uma maior empatia dentro da equipa.

Por último, durante o meu estágio eu desempenhei as funções de *Studio Manager*, tendo libertado do Francisco muito dos encargos da gestão operacional do estúdio.

Além dos cargos permanentes descritos, consoante o volume e tipo de trabalho existente a cada altura, o estúdio subcontrata frequentemente alguns profissionais em regime de *freelance*. Entre eles, estão especialistas em Adobe Photoshop, *stylists*, videógrafos e outros profissionais.

3. Experiência de estágio

3.1. Modo de operação – Cargo e funções desempenhadas

Durante a minha experiência de estágio ocupei a posição de *Studio Manager*, sendo esta dividida em 3 principais funções.

A primeira é a gestão de todos os contactos com os clientes. Tendo ficado encarregue do principal endereço de email do estúdio, fiquei por isso responsável por responder a todos os pedidos de orçamento, elaborando as propostas adequadas a cada pedido, tendo em conta as especificidades de cada projeto. Uma vez aprovado o orçamento e adjudicado o trabalho, fui também responsável por gerir a agenda do estúdio, agendando todas as sessões fotográficas junto de cada cliente. Após cada sessão, foi também do meu encargo o envio de uma primeira versão da totalidade das imagens captadas, para seleção por parte do cliente, tendo em consideração o número orçamentado de imagens finais. Após rececionada a seleção das imagens, estas seguem para pós-produção. Uma vez concluído esse processo e aprovado internamente, coube-me também a função de enviar as mesmas ao cliente. Por último, após entregues as versões finais das imagens, fui também eu que me encarreguei do processo de faturação, emitindo e enviando todas as faturas respetivas, e monitorizando o recebimento dos comprovativos de pagamento. Todo este processo é sempre acompanhado de perto pelo Francisco, sendo que cada contacto que fiz com os clientes foi previamente aprovado, e todas as manipulações das imagens revistas.

A segunda importante função que desempenhei está relacionada com a gestão operacional e logística do estúdio. Desempenhei o cargo de produtor de algumas sessões fotográficas mais complexas, tais como as sessões de fotografia de produto, que exigiam logísticas diversas e equipas maiores, muitas vezes com elementos externos. Fui responsável por gerir e contratar os elementos das equipas, gerir o aluguer e transporte de equipamento especializado, organizar os alojamentos, alimentação e transporte dos membros das equipas, entre outras logísticas inerentes a cada projeto. Nesta componente do estágio beneficiei muito da minha experiência académica e profissional na área do cinema, como produtor e assistente de realização. Também sob esta função, fiquei a cargo da gestão diária dos processos de cada projeto, monitorizando o estado de cada fase junto de cada membro da equipa.

A terceira função de destaque da minha experiência de estágio prende-se com a comunicação do estúdio. Foi da minha responsabilidade a atualização do *website* do estúdio com todos os projetos relevantes recentemente terminados. Também fiquei encarregue de gerir todas as submissões de projetos para publicação. Paralelamente, fiz a gestão das redes sociais do estúdio, nomeadamente nas plataformas Instagram e LinkedIn, e a preparação e envio da *newsletter* anual.

Por último, sempre que necessário e a carga de trabalho nas outras funções o permitia, prestei auxílio na pós-produção das fotografias. Da mesma forma, houve algumas ocasiões em que foram produzidos vídeos para clientes, paralelamente às fotografias habituais. Nestes pequenos casos, fiquei encarregue de toda a edição e pós-produção dos mesmos. É de salientar que o estúdio não tem como foco a produção de vídeo. Os breves casos em que tal aconteceu, foram como testes técnicos e de mercado, com clientes já muito antigos, com quem se regista bastante confiança.

3.2. Técnicas e ferramentas utilizadas

A principal ferramenta que utilizei neste estágio foi sem dúvida o email, sendo este gerido através da plataforma Gmail. Em segundo lugar, e certamente de maior importância, o estúdio utiliza a plataforma Clickup para efetuar toda a gestão dos processos e agendamentos, sendo esta ferramenta crucial e a primeira a ser consultada por todos, todas as manhãs. É aqui que podemos verificar a lista de tarefas de cada projeto, o seu estado atual e quaisquer notas específicas que possam estar associadas aos projetos. É também graças ao Clickup que consegui gerir eficazmente cada agendamento, monitorizando o estado específico de cada pedido.

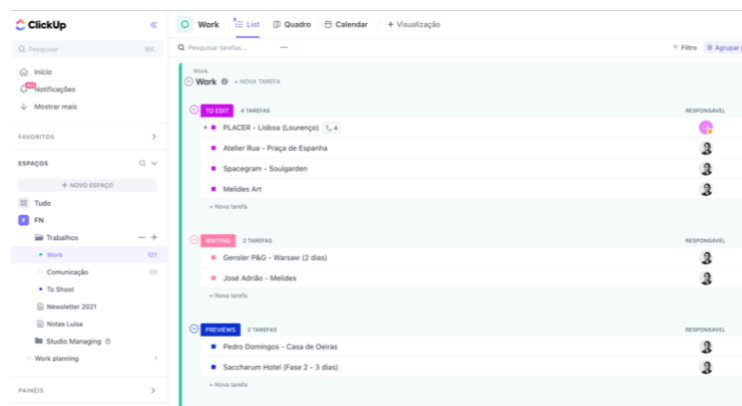


Figura 3. Layout da plataforma Clickup

Para efeitos de envio e seleção dos trabalhos utilizámos o Pixieset, esta é uma plataforma que nos permitia enviar, numa primeira fase, a totalidade das imagens ao cliente, para que este efetue a sua seleção. A plataforma permite também que esta seleção seja feita diretamente no seu *layout*, simplificando em grande parte o nosso trabalho. Uma vez editadas as imagens selecionadas, é também através do Pixieset que estas são entregues ao cliente. A plataforma permite um controlo total sobre as autorizações de *download*, garantindo-nos assim que apenas permitimos que sejam descarregadas as imagens finais, aprovadas pela gestão do estúdio, e com isto evitando que circulem imagens inacabadas sob a autoria do estúdio.

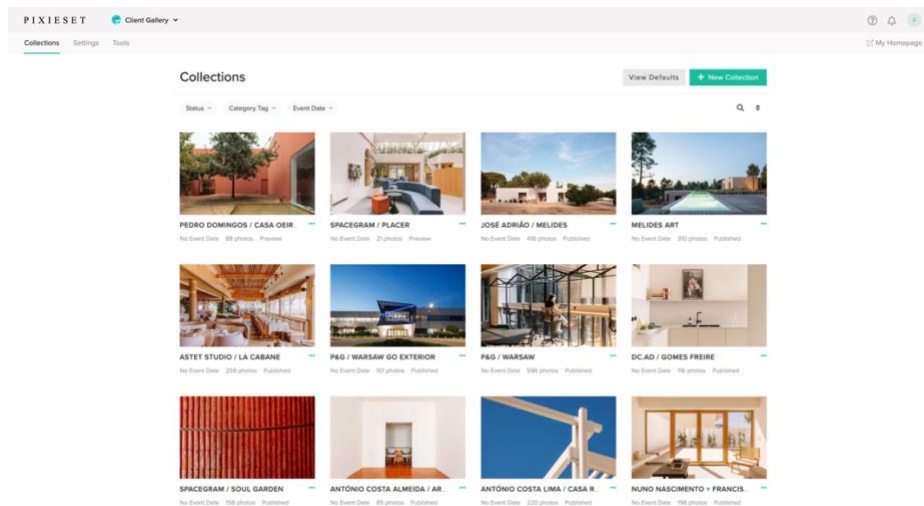


Figura 4. Layout da plataforma Pixieset

Stripo foi a plataforma que utilizei para a composição e envio da *newsletter* anual do estúdio. É uma plataforma muito intuitiva, com um *UI* extremamente *user friendly*, o que facilitou em muito este processo, uma vez que foi algo novo para mim. Senti-me particularmente confortável ao desenhar a *newsletter*, graças aos conhecimentos adquiridos no âmbito da cadeira de Standards, Usabilidade e Acessibilidade, do segundo semestre do mestrado, uma vez que pude com isso entender como esta seria visualizada em diferentes formatos, por diferentes dispositivos. Isto deve-se a toda a componente de *UX/UI* a que tivemos acesso com o programa dessa cadeira.

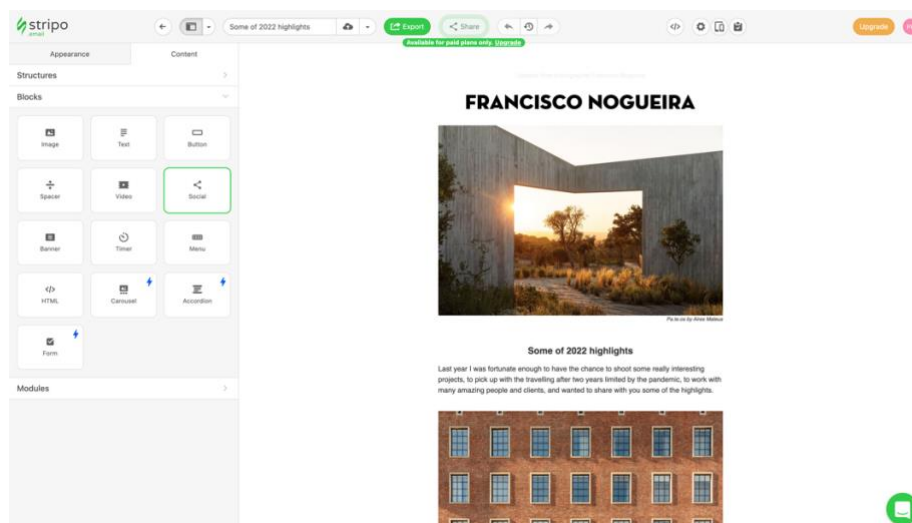


Figura 5. Layout da plataforma Stripo

Quanto à gestão do website, que serve como portefólio e principal cartão de visita do estúdio, onde podemos encontrar todos os mais relevantes projetos realizados, foi utilizada a plataforma WordPress 5.8.7. Nesta componente foi-me incalculavelmente útil todos os conhecimentos obtidos sobre esta ferramenta no âmbito da cadeira de Práticas Web I, do primeiro semestre do mestrado, onde pude desenvolver o meu próprio website, com recurso a esta mesma plataforma.

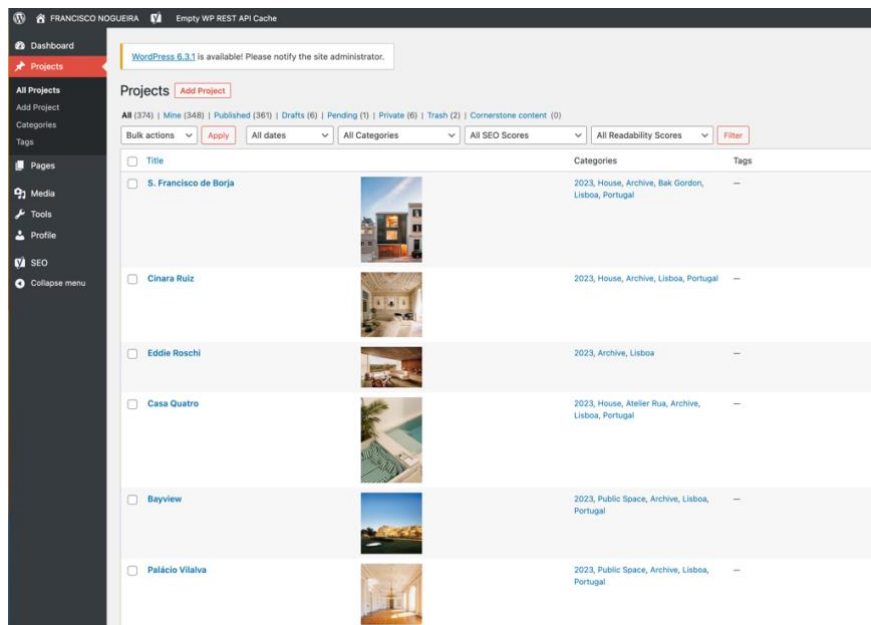


Figura 6. Layout da plataforma WordPress 5.8.7

Na componente de pós-produção de imagem, utilizei maioritariamente o Adobe Lightroom. Este é um programa com o qual já me tinha familiarizado no decorrer da licenciatura, mas pude explorar com maior profundidade durante o mestrado, no decorrer da cadeira de Atelier de Design e Produção de Conteúdos para Web, do segundo semestre. Tendo esta experiência académica prévia, a sua utilização foi para mim uma introdução suave e sem obstáculos. Ocasionalmente fui solicitado a utilizar o Adobe Photoshop, para alguns ajustes de imagens mais específicos e detalhados. Infelizmente, esta é uma ferramenta com a qual não tenho o mesmo nível de conforto ou experiência, contudo, o seu *layout* não foi algo novo para mim, por ter tido a oportunidade de trabalhar um pouco com este programa também no âmbito da mesma cadeira do mestrado.



Figura 7. Layout da aplicação Adobe Lightroom

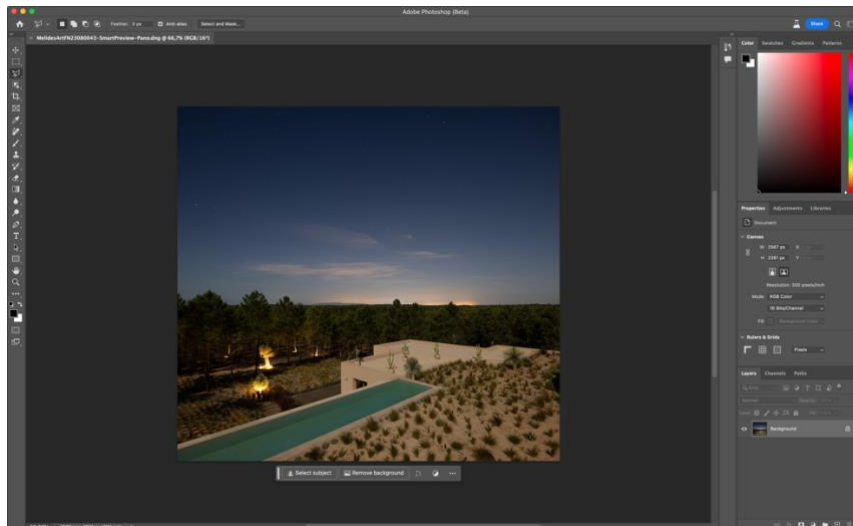


Figura 8. Layout da aplicação Adobe Photoshop

Por fim, a ferramenta que utilizei para a edição e pós-produção dos vídeos, incluindo manipulação de áudio, cor e efeitos de movimento, foi o Adobe Premiere Pro. Este é um *software* com o qual me sinto extremamente confortável, graças à minha experiência com o mesmo no decorrer da licenciatura, mas também graças ao seu aprofundamento no decorrer da cadeira de Standards, Usabilidade e Acessibilidade, do primeiro semestre do mestrado, onde pudemos desenvolver um vídeo imersivo em realidade virtual, com recurso a este mesmo programa.

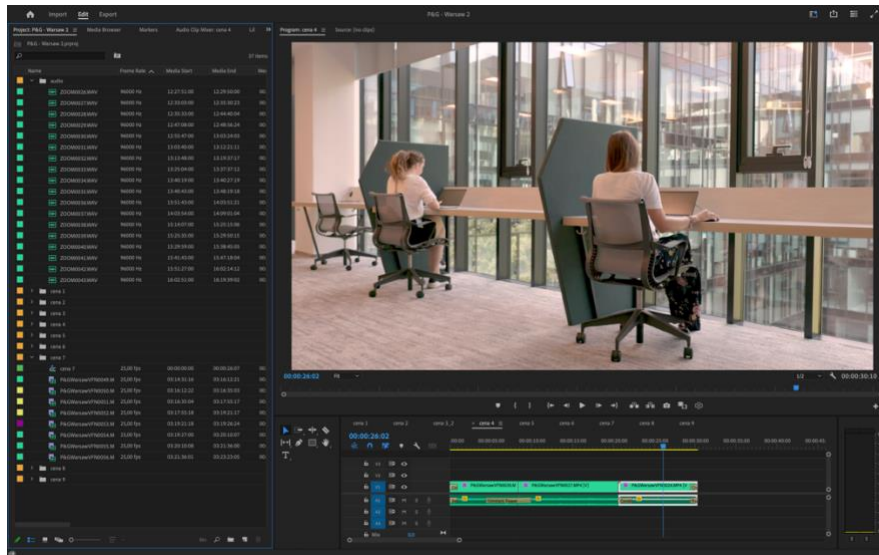


Figura 9. Layout da aplicação Adobe Premiere Pro

3.3. Competências e aptidões desenvolvidas

Com esta experiência de estágio pude adquirir novas competências, assim como melhor desenvolver e aprofundar algumas aptidões já adquiridas anteriormente, nomeadamente no decorrer do período letivo do mestrado.

Em primeiro lugar, pude aprender em primeira mão a gerir uma caixa de entrada de email muito cheia, com um enorme fluxo de novos emails com pedidos de diversas naturezas. Por outro lado, aprendi também a comunicar e gerir eficazmente a relação com clientes, que foi algo com o qual ainda não tinha tido uma experiência semelhante.

Tive também a oportunidade de aprender a desenvolver de raiz uma *newsletter*, incluindo toda a seleção de conteúdo, o desenvolvimento do corpo de texto a incluir, a recolha da lista de contactos a quem enviar, o *design* visual da página, entre outros processos envolvidos. Em particular, ser-me-á particularmente útil o conhecimento adquirido no domínio da plataforma Stripo, utilizada para o efeito. Foi também uma oportunidade de aprender novas ferramentas e técnicas de domínio da aplicação WordPress, no que toca à gestão do website do estúdio.

Com esta experiência pude simultaneamente aprofundar e cimentar os meus conhecimentos no domínio das aplicações da Adobe, nomeadamente o Lightroom, o Photoshop e o Premiere Pro. Todas estas aplicações são ferramentas que já tinha utilizado, umas mais que outras, em âmbito profissional, e todas no decorrer do período letivo do mestrado, no entanto sinto que com este estágio consegui um domínio mais profundo e automatizado de cada uma.

A componente de gestão processual e de equipa, assim como o trabalho de produção de sessões fotográficas mais elaboradas, permitiu-me desenvolver capacidades de gestão de tempo, gestão de conflito, e, acima de tudo, a capacidade de solucionar problemas com eficácia, rapidez e destreza, sem que o fator *stress* se fizesse notar aos olhos dos clientes ou colegas de trabalho.

Por último, sinto que com a gestão de todos estes processos consegui desenvolver um sentido crítico artístico aprofundado e cauteloso, capaz de distinguir trabalho de qualidade e capaz de eventual publicação em revistas, não só fotográfico como arquitetónico.

3.4. Desafios e obstáculos enfrentados

É também importante salientar alguns dos desafios que enfrentei durante esta experiência de estágio. Um dos fatores que mais me surpreendeu e desafiou foi o inquantificável número de novos emails e pedidos que entravam todos os dias. Isto é naturalmente um sinal de enorme sucesso para o estúdio. No entanto, é também algo extremamente difícil de gerir cautelosamente, uma vez que deve ser feita uma escolha muito cuidada de quais os pedidos que devemos aceitar e quais os pedidos que infelizmente temos de, muito cuidadosamente, recusar. Este cuidado na recusa, inevitável, de alguns pedidos, é vital, uma vez que não queremos, nem devemos, fechar portas a nenhum potencial cliente. Aprendi que um cliente que hoje pode não ter o orçamento ou o trabalho para contratar o estúdio, pode eventualmente no futuro ser alguém com quem queremos muito colaborar, e por isso é crucial que não se aplique qualquer arrogância devido à situação privilegiada em que nos possamos encontrar. Na mesma ótica, foi semelhantemente uma aprendizagem para mim conseguir distinguir o valor e interesse profissional para o estúdio entre os diversos pedidos recebidos. O facto de não ter experiência prévia na área da arquitetura em muito influenciou esta dificuldade, por falta de conhecimento do meio.

Numa segunda fase, foi também extremamente difícil gerir o agendamento de todos os projetos aceites e adjudicados. Mesmo havendo uma seleção prévia de quais projetos aceitar, havia constantemente uma extensa lista de projetos a aguardar agendamento. Esta gestão foi possivelmente o maior desafio que encontrei, na medida em que é desafiante equilibrar as necessidades dos clientes com as limitações de calendário do estúdio, num esforço contínuo e cuidado para não desiludir um cliente ou quebrar a sua confiança. Senti um enorme sentido de responsabilidade na gestão deste processo.

Na mesma componente, foi também por vezes desafiante encontrar a forma mais eficaz e cautelosa de gerir situações delicadas com alguns clientes. Muitas vezes surgem situações problemáticas, muitas delas associadas a clientes um pouco mais exigentes, que devemos navegar de forma extremamente prudente e ponderada. Foi para mim muito importante aprender técnicas de comunicação com clientes calmas, honestas e transparentes, enquanto, por outro lado, tento balancear e expor as necessidades e limitações do próprio estúdio.

De um ponto de vista mais técnico, no domínio do Adobe Lightroom, nas ocasiões em que prestei auxílio à pós-produção de imagem, senti alguma dificuldade em acompanhar a eficácia e rapidez da restante equipa, que tem um domínio significativamente maior da ferramenta. Da mesma forma, no domínio do Adobe Photoshop, senti alguma dificuldade em aprender determinadas funcionalidades, e em distinguir como aplicá-las às situações adequadas e de forma competente.

Por último, e certamente de maior importância, encontrei uma elevada dificuldade em fazer um balanço capaz do meu tempo de trabalho, em particular tendo em conta as variadas naturezas das diferentes funções que desempenhei. A frequente alternância entre tarefas ou tópicos de trabalho consegue muitas vezes ser um obstáculo à produtividade eficaz e contínua. Foi por isso importante aprender a manter a fluidez entre as diferentes dinâmicas da minha experiência de estágio.

4. Análise da concorrência

É indiscutível que o estúdio Francisco Nogueira ocupa neste momento uma posição muito bem colocada no panorama da fotografia de arquitetura nacional, em particular quando comparado com a sua concorrência direta na área. É seguro dizer-se que o estúdio está confortavelmente dentro do top 5 de fotógrafos de arquitetura de maior sucesso em Portugal. Não obstante, é relevante fazer-se uma análise do trabalho de alguns dos seus maiores concorrentes, de modo a aferir em que aspetos a sua visão o destaca. Fernando Guerra, João Morgado e Ricardo Oliveira Alves são alguns dos nomes que compõem a sua maior e mais direta concorrência.

Fernando Guerra é provavelmente a concorrência mais direta do estúdio. É frequente acontecerem situações em que o estúdio Francisco Nogueira teve de rejeitar determinado projeto, por impossibilidade de agenda, e verificar-se que essa reportagem acabou a ser realizada por Fernando Guerra. O inverso também é algo que tende a acontecer. Por essa razão, considero importante que seja feita uma comparação direta dos seus trabalhos.



Figura 10. Fotografia de Fernando Guerra

Como podemos verificar pela figura 10, ao nível do enquadramento, Guerra procura fugir ao típico enquadramento simétrico e quadrado, que é dominante na fotografia de arquitetura. Por comparação, o estúdio Francisco Nogueira tenta maioritariamente manter-se dentro dessa norma, como podemos verificar no exemplo da figura 11. Talvez por essa razão Guerra consiga apelar a um maior espetro de clientes, por ser uma opção estética mais arrojada.



Figura 11. Fotografia de Francisco Nogueira



Figura 12. Fotografia de Fernando Guerra

A observação das imagens de Fernando Guerra permite-nos de imediato aferir uma diferença substancial ao nível do sentimento geral, diga-se atmosfera, quando comparado com o trabalho de Francisco Nogueira. Isto deve-se particularmente ao tratamento que Guerra aplica às cores das suas imagens. Com este podemos identificar tons mais dramáticos e enfatizados, que fogem largamente à naturalidade. São indiscutivelmente imagens que inspiram uma certa mística e beleza, contudo pode também dizer-se que esta é uma beleza mais artificial. Até ao nível das texturas, graças a este tratamento da cor, podemos identificar propriedades mais sintéticas, que quase se assemelham a imagens criadas por *software*. As imagens de Nogueira são substancialmente mais verdadeiras e próximas à realidade, neste aspeto. No estúdio procura-se sempre não fugir aos tons naturais captados nas imagens. Posto isto, não são imagens isentas de tratamento de cor, sendo que existe uma tendência pelos tons ligeiramente mais quentes. Isto é algo que, por norma, tende a embelezar as imagens, sem as distanciar da naturalidade dos seus tons, ao apelar a uma luz soalheira e veranil. Uma vez mais, encontro no trabalho de Guerra uma opção estética que tende a apelar a um maior número de consumidores, dada a sua natureza mais dramática.



Figura 13. Fotografia de Francisco Nogueira

À semelhança do que é feito no tratamento da cor, o estúdio Francisco Nogueira procura manter a naturalidade também na diferença entre os claros e os escuros, diga-se no espectro de luz. É feito um tratamento que aumenta a exposição nas sombras e baixa a mesma nas luzes fortes, assim conseguindo um maior equilíbrio na sua claridade. Contudo, isto é algo que é feito a uma escala muito suave e cautelosa, de forma a permitir uma melhor leitura da imagem, mas sem que isto represente desprovir a imagem da natureza da sua luz. Isto é, desejamos ver o que está nas sombras, mas estas devem manter-se sombras. Da mesma forma, nem sempre é óbvio que se consiga distinguir com todo o detalhe algo que fica do lado exterior de uma janela num dia de intenso sol. Por comparação, Guerra tende a encurtar significativamente este espectro, havendo uma menor diferença entre os seus claros e escuros, assim contribuindo também para o distanciamento do natural.



Figura 14. Fotografia de Fernando Guerra

É também de notar que Guerra faz muitas vezes recurso a modelos ou personagens, em pleno detalhe, nas suas fotografias. Isto é algo que pode introduzir algum movimento, e com isso dinamismo, à imagem. Por outro lado, pode considerar-se que, por vezes, isto possa originar uma distração do foco principal da imagem, a obra arquitetónica. Nogueira evita utilizar personagens humanos, ou outros quaisquer, nas suas

obras. Nas pequenas ocasiões em que o faz, atribui-lhes sempre um desfoque, de modo a que não se consiga identificar facilmente o sujeito, contribuindo também para que esse não seja um elemento de grande destaque na imagem. É também esta escolha de Fernando Guerra, graças ao dinamismo obtido, que julgo ser mais apelativa às massas, contribuindo muito para o seu sucesso.



Figura 15. Fotografia de Fernando Guerra



Figura 16. Fotografia de Francisco Nogueira

Recorrendo à literatura existente, podemos facilmente justificar as diversas escolhas técnicas mais arrojadas de Fernando Guerra. Mattens (2011) afirma que “a fotografia pode ser uma forma de narrativa visual, transmitindo não apenas a estética, mas também a função e a atmosfera de um espaço”.

“Além de capturar a forma tangível, a fotografia de arquitetura tem o poder de imortalizar a atmosfera e a experiência sensorial que envolvem uma construção.” (Pelizzari & Scrivano, 2011).

Talvez seja esta a abordagem de Guerra, ao optar pela utilização de modelos - para revelar as funcionalidades do espaço - e ao tomar uma direção tão dramática no seu tratamento da imagem - para revelar a profundidade da atmosfera e experiência sensorial do local.

Como disse Rosa (1998), “a evolução da técnica fotográfica teve um impacto profundo na representação da arquitetura”. Quer isto dizer que estas técnicas apenas se tornaram possíveis com a evolução da fotografia ao longo dos tempos, elevando com isso as possibilidades e alcances da própria arte. Quanto mais capaz é a ferramenta, maior o espectro de possibilidades criativas na peça visual. Entenda-se, portanto, que é também graças a esta evolução tecnológica que a fotografia de arquitetura se destaca como obra de arte, e não apenas como um mero registo fotográfico de uma obra arquitetónica. Também Mattens (2011) disse que “a colaboração entre arquitetos e fotógrafos pode produzir imagens que transcendem a mera representação, tornando-se obras de arte por direito próprio”.

4.1. Obras mais publicadas

Uma observação cuidada das obras do estúdio que maior distinção receberam nos últimos tempos, nomeadamente ao nível editorial, isto é, de publicações em revistas, permite-nos retirar alguns entendimentos valiosos. Entre eles está o facto de que nem sempre são as obras mais arrojadas, do ponto de vista da arquitetura, que recebem estas distinções. Esta experiência de estágio permitiu-me aprender que a circulação de obras de arquitetura e obras fotográficas nos media especializados está muito associada ao *networking*, que foi um fator de enorme surpresa para mim. Frequentemente, a obra que recebe uma publicação em revista não é aquela que se mostra visualmente mais apelativa, mas antes aquela cujos arquitetos ou proprietários possuem ligações pessoais aos profissionais das revistas.



Figura 17. Capa da Architectural Digest Spain em Julho 2022. Fotografia de Francisco Nogueira



Figura 18. Fotografia de Francisco Nogueira

Embora a Casa Quelhas, representada na figura 8, seja inegavelmente uma excelente obra de arquitetura moderna, pessoalmente considero que o projeto Antiparos, representado na figura 9, que foi fotografado na mesma altura, talvez fosse uma obra, a meu ver, mais merecedora de tamanho destaque em revistas como a Architectural Digest.

4.2. Satisfação do consumidor

Tornou-se para mim muito óbvio, após esta experiência, que este tipo de fotografia se trata de um nicho de enorme sucesso na área do audiovisual. Esta, o audiovisual, é uma área que, no geral, sofre notoriamente por falta de investimento e condições justas de trabalho. Por norma, em Portugal, tendem a não ser praticados valores muito benéficos para os seus profissionais, que trabalham na sua maioria como *freelancers*. Contudo, encontrei na fotografia de arquitetura uma fuga clara a esta regra. Posso confiantemente afirmar que há na área da arquitetura uma considerável verba financeira disponível para este tipo de atividade. Isto deve-se ao facto de que um serviço de arquitetura é algo dispendioso por natureza, filtrando à partida aqueles clientes que podem não ter a disponibilidade de financiar uma reportagem fotográfica como as que fazemos no estúdio. O atelier de arquitetura acaba muitas vezes a incluir este serviço no orçamento prestado ao seu cliente, uma vez que é imperativo que a obra fique documentada para integrar o seu portefólio. Da mesma forma, no caso da hotelaria, que por norma já envolve enormes valores de capital investido, é crucial que sejam feitas imagens desta natureza para todos os seus canais de comunicação.

Uma das métricas que podemos utilizar para aferir o nível de sucesso deste tipo de trabalho são os resultados obtidos através de redes sociais, nomeadamente no Instagram. Esta rede é provavelmente a mais notória neste meio, uma vez que se baseia em registos visuais – sendo este o foco principal da fotografia de arquitetura. É também esta plataforma um dos principais canais de comunicação para estúdios de fotografia, originando uma fatia larga de contactos feitos por potenciais clientes. É, por isso, vital manter este canal atualizado e em constante atividade, de modo a incentivar o algoritmo da plataforma a promover com maior eficácia o conteúdo partilhado, e com isso ter um maior alcance.

Julgo, portanto, relevante que se faça uma análise dos resultados obtidos através desta rede social.



Figura 19. Página de Instagram de Fernando Guerra



Figura 20. Página de Instagram de Francisco Nogueira

A comparação das figuras 10 e 11, que nos revelam as métricas de Instagram de Fernando Guerra e Francisco Nogueira, à data da realização deste relatório, permite-nos retirar um número de conclusões úteis.

Em primeiro lugar, podemos notar a diferença substancial no número de seguidores. Apesar de ambos os fotógrafos terem uma idade relativamente próxima, Fernando Guerra iniciou atividade nesta área um pouco mais cedo, tendo aberto o seu estúdio há cerca de 20 anos, enquanto Francisco Nogueira só o fez há cerca de 13 anos. Não obstante, ambos possuem uma vasta experiência neste ramo da fotografia, sendo por isso esperado um sucesso relativamente próximo nestas métricas.

Um dos fatores que pode explicar esta desigualdade, que apenas se verifica ao nível do Instagram uma vez que ambos têm sucesso semelhante a nível editorial, poderá ser a também substancial diferença no número de publicações feita por cada um. Fernando Guerra tem uma atividade quase dez vezes mais frequente que Francisco Nogueira, no que toca a publicações no Instagram.

Desde o começo da minha experiência de estágio que um dos objetivos propostos foi eventualmente encarregar-me da gestão e manutenção das redes sociais do estúdio, nomeadamente o Instagram. Contudo, apesar de o ter feito em pequena parte, esta função acabou por nunca me ser delegada por completo. O facto de o estúdio ser composto por

uma equipa pequena, com um volume elevado de trabalho, significou que a atualização do Instagram não se revelou ser uma prioridade. Considero que esta inevitabilidade acaba por afetar o sucesso e notoriedade do estúdio. No entanto, é de salientar que este não é o único canal de comunicação existente e eficaz, como podemos verificar pelo elevado número de pedidos que, ainda assim, recebemos durante o meu período de estágio. Em boa verdade, a aposta pelo *networking*, *newsletters* e publicações editoriais tem-se revelado extremamente frutuosa.

5. Sugestões de melhoria

Com o entendimento que pude recolher ao longo desta experiência de estágio, aliado ao meu olhar que, dada a duração curta do estágio, não deixa de ser externo ao estúdio, e ainda munido de alguma neutralidade, sinto que posso fazer algumas observações e sugestões que, a meu ver, poderiam contribuir para um melhor funcionamento dos processos do estúdio, resultando assim numa maior taxa de sucesso, seja esta editorial ou financeira.

Quanto à gestão do estúdio, penso que poderia haver uma maior delegação de tarefas, o que poderia libertar muito encargo do Francisco, o principal gestor do estúdio. Na mesma ótica, acredito que se for dada maior autonomia a quem desempenha algumas destas tarefas, como foi o meu caso durante o estágio, resultará numa maior eficácia e eficiente gestão de tempo de trabalho, resultando em maior satisfação por parte dos clientes. Muitas vezes alguns clientes ficavam muito tempo a aguardar respostas a questões, que a mim me pareciam ser de simples resposta, pelo facto de que qualquer resposta dada tivesse de ser sempre sujeita a aprovação pela gestão. Assim, delegar por completo a organização e gestão do estúdio e da sua agenda, com total autonomia de decisão, seria, na minha opinião, uma medida muito importante a ser implementada. Naturalmente teria de ser implementado um sistema de controlo e verificação por parte da gestão, que poderia ser, por exemplo, uma reunião semanal, com o intuito de verificar o que foi feito na semana anterior e definir objetivos para a semana seguinte.

Um possível caminho a tomar para uma eventual expansão do negócio seria subdelegar mais projetos a outros fotógrafos contratados pelo estúdio. Neste momento, apenas o Francisco e o Lourenço fotografam projetos em nome do estúdio Francisco Nogueira. Contudo, com o volume de pedidos de orçamento que recebemos, sinto que poderia ser vantajoso, em particular a nível financeiro, a incorporação de uma equipa maior de fotógrafos, de modo a poder dar resposta a todos os pedidos que entram.

Com esta eventual expansão, o Francisco Nogueira teria a oportunidade de procurar projetos de maior interesse pessoal, inclusive perseguir mais trabalho internacional, que é algo que fez notar ser do seu interesse. Outro foco poderia ser o de realizar mais sessões de fotografia de produto, que uma vez mais é um dos seus interesses

pouco explorados, tendo em conta que este tipo de sessões tendem a exigir uma maior disponibilidade de calendário.

Um outro objetivo que poderia ser lucrativo no sentido da expansão do negócio seria o desenvolvimento aprofundado de um departamento dedicado à produção de vídeo. Até ao momento, o estúdio apenas testou muito brevemente alguns conceitos no mundo do vídeo de arquitetura, e sempre associado a clientes de muita confiança. É de salientar que recebemos um elevado número de solicitações para a produção de vídeo, uma vez que muitos clientes procuram solucionar o fornecimento de fotografias e vídeos de arquitetura com o mesmo fornecedor.

Por último, e como mencionado anteriormente neste relatório, uma aposta mais concisa e constante nas redes sociais resultaria em maior notoriedade e poderia, eventualmente, sustentar um aumento no volume de trabalho, alimentando assim a estratégia de expansão descrita.

Conclusão

Com a conclusão desta experiência de estágio, e após ter a oportunidade de refletir sobre todo o processo, posso retirar quatro principais raciocínios/conclusões que me serão muito úteis para o meu futuro profissional.

O primeiro prende-se com o facto de esta experiência de estágio me ter sido também incalculavelmente útil no desenvolvimento e enraizamento das minhas competências mais técnicas, tal como descrito anteriormente neste relatório. Em particular, destaco o domínio das plataformas Stripo e WordPress, para o desenvolvimento de *newsletters* e gestão do *website* do estúdio. Em segundo lugar, saliento as competências, que em muito foram aperfeiçoadas, de domínio das aplicações da Adobe, nomeadamente o Lightroom, o Photoshop e o Premiere Pro.

O segundo é a importância do *networking*. Este é um conceito que sempre tive a inclinação para ignorar, ou menosprezar a sua relevância. No entanto, após este estágio, consigo retirar um entendimento maior da sua vitalidade, e com isso vejo-me com maior prontidão para explorar esta vertente na minha vida profissional. Acima de tudo, sobre este tópico, aprendi que nem sempre é o melhor candidato que fica com o trabalho, mas antes o que se verifica mais disponível e cujo contacto se verifica ser fácil e sem obstáculos. Esta área em particular funciona muito com base nas relações pessoais desenvolvidas com colaboradores, clientes e potenciais clientes.

O terceiro raciocínio está associado à realização de que esta área reside evidentemente num nicho muito lucrativo, quando comparado com as restantes práticas da fotografia e do audiovisual no seu todo. Concluí que não existem neste momento fotógrafos suficientes, a trabalhar em Portugal, para dar resposta à procura existente. É de notar que há também uma procura internacional muito grande por fotógrafos portugueses, uma vez que a mão de obra e os serviços em Portugal, apesar deste nicho, tendem a ser menos dispendiosos do que noutros países.

A última e principal conclusão ou reflexão é a de que a fotografia não se limita ao seu papel documental histórico. Sem retirar importância a este aspeto fulcral, que muito contribui para a evolução da arquitetura, graças ao seu poder de análise e comparação, identifiquei atualmente uma componente mais profunda neste ramo da fotografia.

Apreendi a entender o papel do fotógrafo como alguém que possui e transmite eficazmente uma visão única do espaço fotografado, muitas vezes em colaboração com o arquiteto. Esta visão subjetiva é retratada na fotografia de uma forma que o olho humano não é capaz de captar naturalmente. Neto (2022) salienta que “é importante reconhecer que a fotografia é uma forma de comunicação altamente subjetiva, e o fotógrafo desempenha um papel crucial na interpretação e na transmissão da arquitetura”.

O fotógrafo vem, portanto, revelar uma natureza atmosférica do espaço, através do domínio das técnicas fotográficas, expondo assim a profundidade sensorial do edifício, ao mesmo tempo invocando sentimento, emoção e memória. Tudo isto é algo que não é atingível a olho nu, e apenas revelado através da fotografia. “A fotografia artística oferece a possibilidade de capturar não apenas a forma material, mas também a atmosfera e o caráter distintivo de um espaço arquitetônico.” (Tahalea, Novianti, & Damarjati, 2022)

Tal como refere Borden (2007), “a fotografia pode moldar e desafiar a percepção do espectador, destacando certos detalhes e perspectivas que podem passar despercebidos de outra forma”. Quer isto dizer que a fotografia vem potencialmente revelar um entendimento aprofundado do espaço, que por vezes não se torna possível através apenas da sua observação física, influenciando a forma como consumimos e nos relacionamos com a arquitetura. Já Rattenbury (2002) vem afirmar que “a fotografia pode revelar as intenções e ideias subjacentes a um projeto arquitetônico”, sublinhando uma vez mais que a fotografia pode ser uma ferramenta para a interpretação do design da arquitetura. Concluo por isso a existência de uma relação inegável entre a fotografia de arquitetura e o desenvolvimento de tendências contemporâneas na arquitetura em si. A fotografia alimenta e inspira, através da sua abordagem única às obras, novas visões e estéticas para a arquitetura. Os arquitetos fazem então recurso à fotografia como material de análise e inspiração.

Na mesma linha de pensamento, aprendi sobretudo que a prática da fotografia de arquitetura é algo que sobrevive atualmente muitas vezes independente da própria obra arquitetônica, existindo como uma obra de arte isolada, e não apenas como mero registo fotográfico e documental.

Referências bibliográficas

Rosa, J. T. (1998). Architectural photography and the construction of modern architecture. *History of Photography*, 22(2), 99–104.

<https://doi.org/10.1080/03087298.1998.10443865>

Borden, I. (2007). Imaging architecture: the uses of photography in the practice of architectural history. *The Journal of Architecture*, 12(1), 57–77.

<https://doi.org/10.1080/13602360701217989>

Rattenbury, K. (2002). *This is Not Architecture*. Routledge EBooks.

<https://doi.org/10.4324/9780203994122>

Camera Constructs. (n.d.). Google Books.

https://books.google.pt/books/about/Camera_Constructs.html?id=D_0kw-sT7DoC&redir_esc=y

Professional Architectural Photography. (n.d.). Google Books.

https://books.google.pt/books?hl=ptPT&lr=&id=Ztz4WoqVwiEC&oi=fnd&pg=PR3&dq=architecture+photography&ots=xxwaZBSc1q&sig=CctmIqYeJQ1qj18w0emDaKvoG4A&redir_esc=y#v=onepage&q=architecture%20photography&f=false

Photographic Architecture in the Twentieth Century. (n.d.). Google Books.

https://books.google.pt/books?hl=ptPT&lr=&id=IS90DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT8&dq=architecture+photography&ots=L2LthcUCu_&sig=rEIKPenpYap0IhT9vNhCwUTTbhY&redir_esc=y#v=onepage&q=architecture%20photography&f=false

Mattens, F. (2011). The Aesthetics of Space: Modern Architecture and Photography. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, 69(1), 105–114.

<http://www.jstor.org/stable/42635841>

Pelizzari, M. R., & Scrivano, P. (2011). Intersection of Photography and Architecture—Introduction. *Visual Resources*, 27(2), 107–112.

<https://doi.org/10.1080/01973762.2011.568142>

Pedro Leão Neto. (2020, December 1). About the book of Valerio Olgiati - Bas Princen. *Sophia Journal*, 5(1), 96–103.

https://doi.org/10.24840/2183-8976_2019-0005_0001_10

Neto, P. L. (2022, December 20). Visual Spaces of Change: Self-reflection on Architecture and Urban Change Through Photography. *Journal of Design Studio*, 4(2), 293–215.

<https://doi.org/10.46474/jds.1208215>

Alarcón, D., & Méndez, P. (2021, April 30). Persistent Conventions in 20th Century Architecture Photography. *Materia Arquitectura*, 19, 108.

<https://doi.org/10.56255/ma.v0i19.430>

Shafie, N., Halili, N. A., & Ayob, S. (2018). Fine Art Photography as a New Approach in Documenting Architecture: A Case Study of Masjid Ubudiah, Kuala Kangsar. *Proceedings of the Art and Design International Conference (AnDIC 2016)*, 181–189.

https://doi.org/10.1007/978-981-13-0487-3_21

Tahalea, S., Novianti, E., & Damarjati, F. (2022). Urban Aesthetics Analysis with Townscape Theory Approach in Architecture Photography (Case Study: Jakarta Old Town Core Zone). *Proceedings of the First Lekantara Annual Conference on Public Administration, Literature, Social Sciences, Humanities, and Education, LePALISSHE 2021, August 3, 2021, Malang, Indonesia*.

<https://doi.org/10.4108/eai.3-8-2021.2315079>

Ayşen, S. S. (2009). *Documentation of architecture : photography as an objective tool?*

<https://hdl.handle.net/11511/19395>

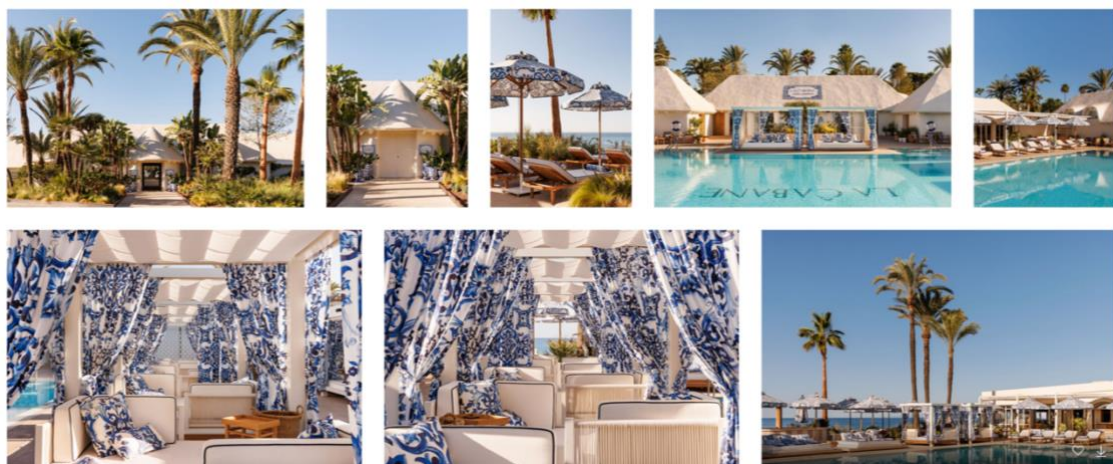
Rosslee, A. Q. (1992). *Architecture photography*.

<http://hdl.handle.net/11462/832>

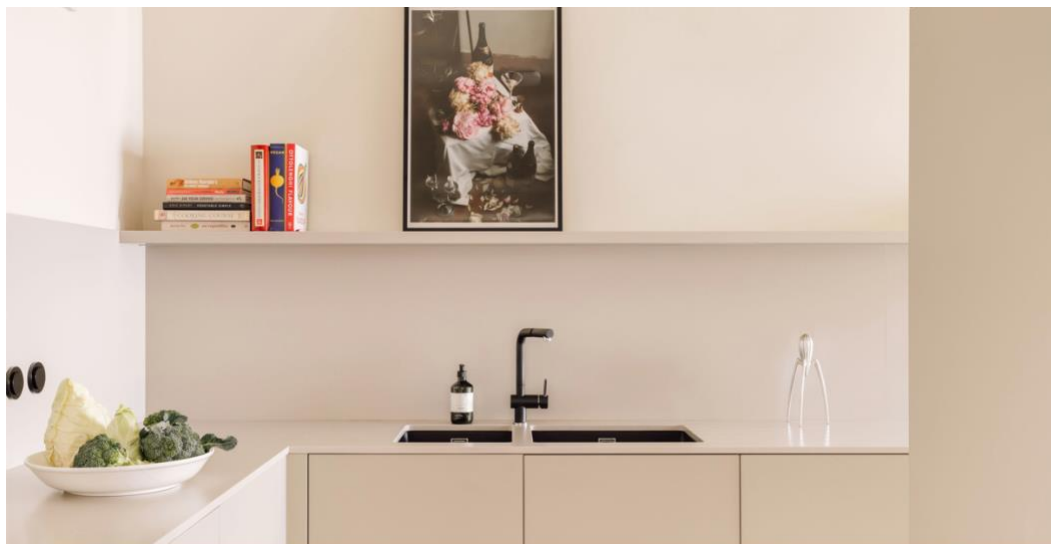
Lista de figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1. <i>Website</i> do estúdio de fotografia de arquitetura Francisco Nogueira..... | 12 |
| Figura 2. Exposição “Man Made” em Lisboa, Junho 2018. Fotografia de Francisco Nogueira..... | 13 |
| Figura 3. <i>Layout</i> da plataforma Clickup..... | 17 |
| Figura 4. <i>Layout</i> da plataforma Pixieset..... | 18 |
| Figura 5. <i>Layout</i> da plataforma Stripo..... | 18 |
| Figura 6. <i>Layout</i> da plataforma WordPress 5.8.7..... | 19 |
| Figura 7. <i>Layout</i> da aplicação Adobe Lightroom..... | 20 |
| Figura 8. <i>Layout</i> da aplicação Adobe Photoshop..... | 20 |
| Figura 9. <i>Layout</i> da aplicação Adobe Premiere Pro..... | 21 |
| Figura 10. Fotografia de Fernando Guerra..... | 25 |
| Figura 11. Fotografia de Francisco Nogueira..... | 26 |
| Figura 12. Fotografia de Fernando Guerra..... | 26 |
| Figura 13. Fotografia de Francisco Nogueira..... | 27 |
| Figura 14. Fotografia de Fernando Guerra..... | 28 |
| Figura 15. Fotografia de Fernando Guerra..... | 29 |
| Figura 16. Fotografia de Francisco Nogueira..... | 29 |
| Figura 17. Capa da Architectural Digest Spain em Julho 2022. Fotografia de Francisco Nogueira..... | 31 |
| Figura 18. Fotografia de Francisco Nogueira..... | 32 |
| Figura 19. Página de Instagram de Fernando Guerra..... | 34 |
| Figura 20. Página de Instagram de Francisco Nogueira..... | 34 |

Anexo I – Exemplo de reportagem fotográfica de arquitetura feita pelo estúdio. Projeto realizado em colaboração com o estúdio de design de interiores internacional Astet Studio e a marca Dolce & Gabbana. Desempenhei as funções de produção da reportagem e pós-produção das imagens. Marbella, 2023.



Anexo II – Exemplo de reportagem fotográfica de arquitetura feita para o atelier de arquitetura português DC.AD. Desempenhei as funções de produção da reportagem e pós-produção das imagens. Lisboa, 2023.



Anexo III – Exemplo de reportagem fotográfica de arquitetura feita para o Hotel Ritz Four Seasons. Desempenhei as funções de produção da reportagem e pós-produção das imagens. Lisboa, 2023.



Anexo IV – Exemplo de reportagem fotográfica de produto feita para a marca de têxteis francesa Élitis. Desempenhei as funções de produção da reportagem e pós-produção das imagens. Grândola, 2023.

